

Atores locais na formação sócio-histórica de comunidades rurais: um caso de gestão social em busca do desenvolvimento territorial e identitário

Local actors in the socio-historical development of rural communities: a case of social management in pursuit of territorial and identity development

Francisca Neiliane Bezerra¹

Maria Nizeuda Bezerra²

Môngolla Keyla Freitas de Abreu³

Angela Maria Morais Silva⁴

RESUMO

Neste estudo buscou-se mostrar a importância da História Oral através das entrevistas colhidas, através dos depoimentos colhidos principalmente aqueles que protagonizaram a História da comunidade do Barro Alto, foi-se construindo o estudo, utilizando a História Oral como ferramenta indispensável para resultados significativos. O primeiro passo para o desenvolvimento local de territórios foi a necessidade urgente de um povo que mantinha um sentimento de pertencimento e empoderamento sobre aquele lugar, o que fez com que se organizassem coletivamente na busca de proporcionar condições de sobrevivência e viabilidade para o desenvolvimento da comunidade. Os atores locais tornaram-se relevantes a medida que o processo de desenvolvimento ocorreu paulatinamente e independente de investimentos municipais, caracterizando-se como um processo de gestão social resultante da interações entre os moradores que confundem as divisões de paredes de suas casas, até os laços familiares que os rodeiam, numa comunidade onde a tradição ainda permanece entranhado naqueles que fazem daquele espaço rural, um retrato de desenvolvimento constante e não de abandono, como a maioria das áreas rurais do país.

Palavras-chave: atores locais; história oral; comunidade rural.

ABSTRACT

In this study, we sought to show the importance of oral history through interviews collected through the testimonies gathered especially those who staged the history of the community of Barro Alto, has been built to study using oral history as a tool indispensable for meaningful results. The first step in the development of local territories was the urgent need for a people who had a sense of belonging and empowerment about that place, which meant that organize themselves collectively in pursuit of proportional survival conditions for the development and viability of the community. Local actors become relevant as the development process occurred gradually and independent municipal investment, characterized as a process of social management resulting from interactions among residents who confuse divisions walls of their homes, until the bonds family that surround them, in a community where tradition still remains entrenched in those rural areas that make a portrait of constant development and not abandoned, as most rural areas of the country.

Keywords: local actors; oral history; rural community.

¹ Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará, Bacharelado em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri; Pós-graduação em Saúde da Família (FIP) e em Psicopedagogia (FASP); Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri (UFCA); Bolsista CAPES. E-mail: neilianebezerra@yahoo.com.br.

² Possui graduação em História pela Universidade Vale do Acaraú (UVA) e Pós-graduação em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica (FAK). E-mail: nicabezerra@hotmail.com.br.

³ Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará, Pós-graduação em Ciências Ambientais (FIP). E-mail: monkeylabreu@hotmail.com.

⁴ Possui graduação em Biologia e Química pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA), pós-graduação em Educação Ambiental (FASP). E-mail: rev_ck@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a população viveu um verdadeiro abandono político, porém os moradores de uma comunidade rural denominada Barro Alto, localizada na extremidade oeste da cidade de Iguatu-CE, foram se organizando e por meios de iniciativas individuais que levaram ao desenvolvimento coletivo, conseguiram vários benefícios que melhoraram a qualidade de vida da população e proporcionou condições prósperas de sobrevivência àquele lugar.

Diante do exposto, pergunta-se: Quais os fatores que influenciaram a iniciativa individual e coletiva na formação de melhorias da comunidade? Qual a importância da construção do cemitério e da capela para a comunidade? Qual a importância do desenvolvimento do bem estar social da população?

Na busca de resposta a estes questionamentos, procura-se nesse trabalho detectar a importância dos fatores que se constituíram como fundamentais para o desenvolvimento do bem estar social da comunidade, buscando fundamentação na história oral, na busca do desenvolvimento local e identitário de um gentílico.

Na década de 1930, o Barro Alto já se apresentava em um desenvolvimento superior na sua região distrital, no aspecto populacional e demográfico, na imigração constante de famílias em busca de melhores condições de vida e subsistência.

Os mananciais que banham a comunidade consistem na Lagoa do Barro Alto, segunda maior lagoa do município, que teve suas terras sistematizadas e é uma das áreas de maior produção de arroz do Centro-sul do estado, conforme dados de censo agropecuário 2010 do IBGE (BRASIL, 2010). Por também fazer parte da Bacia do Alto Jaguaribe, recebe vazão constante do maior rio do estado, o que facilita a criação de poços tubulares viáveis.

As condições de vida dos moradores daquela localidade na década de 1930 eram preocupantes, pois a grande maioria era pobre, viviam apenas da pesca e agricultura de subsistência, isso só melhorou com algumas iniciativas individuais e coletivas de famílias vindas de outras localidades, tendo dificuldade de aceitação na localidade, as mesmas tinham a intenção de explorar a Lagoa do Barro Alto comercializando os peixes, tornando uma atividade extrativista pelos próprios moradores da localidade.

É nas histórias desses atores locais, sem tratar de fatos mirabolantes de um heroísmo pueril, que essa comunidade foi se construindo, de um simples lugarejo para uma das mais importantes vilas da cidade de Iguatu, eles vão se destacando como sujeitos históricos e essa memória local, com histórias tão cheias de riquezas, de exemplos vão ficando esquecidas. Talvez devido uma tendência de valorização com mais ênfase, àqueles escritores fantásticos e estudiosos com altas titulações, em detrimento dos relatos inferentes a quem de fato viveu e presenciou os ocorridos.

O trabalho assume importância maior, quando age na percepção do desenvolvimento identitário e territorial local, fruto do trabalho dos próprios comunitários pertencentes à vila, no destaque às fontes orais com suas riquezas e contribuições para o desenvolvimento do estudo, dando uma perspectiva diferente na dinâmica do trabalho em campo e na captação da história fidedigna e original.

FUNDAMENTOS DA HISTÓRIA ORAL E COTIDIANA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL

A história oral tem como característica primordial o preenchimento de lacunas existentes em documentos escritos, na exploração de vertentes não abordadas em outras fontes. Para Marconi e Lakatos (2006), essa metodologia de trabalho fornece documentação para reconstituir o passado recente, como um meio de transformar o conteúdo e em revelar novos campos de investigação a ser desenvolvida em diferentes contextos com iniciativa individual ou trabalho coletivo.

Por possibilitar o uso da memória de pessoas, que se constituem como atores do processo de formação e investigação, utiliza-se o registro de suas vivências na reinterpretação do passado e revelando fatos desconhecidos.

A história da comunidade de Barro Alto caracteriza-se como ágrafa, não tendo, portanto, referências no ensinamento aos seus novos moradores que constituem a população jovem. Prática preocupante pelo fato de restringir o conhecimento da história local e da limitação no entendimento das virtudes e origens do local ao qual faz parte.

O referido estudo abordou os principais atores da história local, através de entrevistas livres e observação participante, mesmo com alguns grandes nomes "in memoriam", depoimentos de seus ascendentes foram de fundamental importância. O estudo se caracterizou como exploratório descritivo, com abordagem qualitativa.

A história oral aqui utilizada apresenta como caráter biográfico e temático, por enfatizar indivíduos de grande importância na vida da comunidade e por apresentar caráter de depoimento sobre um assunto específico, respectivamente.

A GESTÃO SOCIAL COMO MARCO NO DESENVOLVIMENTO IDENTITÁRIO E TERRITORIAL LOCAL

A formação e o desenvolvimento das comunidades rurais consistem muitas vezes, de um resultado do protagonismo exercido por sujeitos, que por se sentirem partes, formam o todo na completude de um sistema coletivo de sobrevivência. O processo constituinte do desenvolvimento desses povoados nada mais é do que uma caracterização típica de gestão social, onde a interação entre os homens é fator primordial na execução deste, que visa o bem estar comum.

Para Tenório (1998), a gestão social recebeu ênfase nos últimos anos com vistas na abordagem das questões sociais para os sistemas-governo, como flexibilização das relações de trabalho e produção dos agentes econômicos. A gestão social pode ser entendida, portanto, como a construção de diversos espaços para a interação social, caracterizando-se como o processo primordial para erguer comunidades, onde predomina uma aprendizagem coletiva, interação contínua na geração e execução de projetos que visem atender necessidades e especificidades do âmbito social. Na aceitação desse conceito, pode-se considerar que a formação da comunidade rural de Barro Alto foi pautada nos argumentos da gestão social, que elevou o pequeno povoado a um local de destaque no Centro-sul do Ceará.

Vale também enfatizar a gestão social também como promotora do desenvolvimento territorial, onde teve seus atores locais como principais agentes desse processo. Para Echeverri (2010), território constitui a unidade de gestão das políticas públicas e é definido como a construção social diversificada que determina o potencial de desenvolvimento para os atores rurais. O processo de desenvolvimento territorial envolve a articulação entre as dimensões econômico-produtiva, ambiental, social, cultural, identitária e institucional, com a participação ampla e igualitária dos múltiplos atores sociais pertencentes ao território.

Segundo estudos recentes de Cazela et al. (2009), que demonstram que a formação do território é geralmente resultado de mobilização e interação dos atores pertencentes a um determinado espaço geográfico e que buscam identificar e solucionar os problemas em comum. Ressaltam ainda que a construção territorial pressupõe a existência de uma relação de proximidade dos atores.

Nessa perspectiva conceitual é que se fundamentou o processo organizacional e de formação da comunidade aqui referida, na qual os moradores ativos trataram de sanar problemas e fomentar a coletividade dos grupos para o bem comum. Processos com esse princípios podem ser evidenciados com a superação dos grandes eventos que ocorreu na comunidade, a grande seca, que segundo Aragão (1988), ocorreu em 1954, e a grande inundação, que desfigurou o espaço territorial da comunidade, em

1964.

A formação territorial, efetivada na Vila Barro Alto, explicita uma organização característica de zona rural promissora, extremada por dois mananciais abundantes, vias de acesso fáceis e estratégicas, com aglomeração centralizada de residências e amplo espaço produtivo e fértil para plantação. Os espaços e formações foram definidos por conveniências e para atender as necessidades da população que paulatinamente se agregava ao povoado organizado.

Isso remete ao estudo de Perico (2009), ao afirmar que o espaço adquire expressão territorial ao permitir que a pertinência, a apropriação, o empoderamento e a subordinação social a este espaço convertam-se em mobilização concreta ante às finalidades a um território em sua dimensão política e institucional.

OS ATORES LOCAIS NO DESENVOLVIMENTO E RESGATE HISTÓRICO DA COMUNIDADE RURAL BARRO ALTO

Uma das peculiaridades da Vila Barro Alto, onde sua história é permeada por ações de iniciativa de seus atores, que impulsionando a vontade coletiva, acabaram sendo responsáveis pelo crescimento da comunidade.

Os primeiros comerciantes foram Pedro Caipira, que tinha uma venda de carne e José Rosário, com a venda de tecidos e cereais, isso nas décadas 30 e 40, além de outros podendo destacar o Sr. Vicente Paraibano que incentivou a pesca na comunidade e abriu o comércio de peixes, a partir daí os moradores deixaram de pescar apenas para a subsistência surgindo outros tipos de empreendimentos. Segundo o depoimento do Sr. João Batista, um dos integrantes da família vindo do Poço do Mato (hoje chamado Caipú, município de Cariús) para eles a pesca era para fins lucrativos enriquecendo o comércio local. Sobre o assunto, o Sr. João Batista⁵ faz o seguinte relato:

“Eu nasci em Poço do Mato, em 05 de outubro de 1938, quando minha família veio pra cá, eu era um moleque, aqui era calmo, não tinha muito movimento, as pessoas que morava aqui não pescava para o comércio, era apenas para o consumo, foi a minha família que mudou tudo isso, o Barro Alto cresceu economicamente, eu sempre pesquei, desde pequeno eu sou pescador, com essa conversa volto no passada com muita saudade, estou feliz e triste ao mesmo tempo”.

Atualmente, o Sr. João Batista não pesca, mas continua vivendo e lembrando o passado, pois ele continua tecendo redes de pesca para vender, dando continuidade a uma herança de sua família que ficou enraizada nele. Essas reações trazem à tona o sentido de nostalgia a que ficam condicionadas as pessoas idosas quando veem as suas funções e formas de ocupação/trabalho se tornarem obsoletas.

Na década de 30, com a grande necessidade de um cemitério, uma senhora conhecida por D. Preta, que habitava na localidade, reuniu todos da comunidade e nessa reunião foi decidido que iriam lutar para construir um cemitério. Arrecadaram recursos e construíram o cemitério, trazendo melhoria de vida para a população do Barro Ato e localidades vizinhas.

Mariana Evangelista Barreto, conhecida por D. Preta, nascida em 1867 e falecida em 1966, aos 99 anos, naturalizada no município de Iguatu. O seu corpo foi sepultado no cemitério do Barro Alto, o qual foi fundado pela mesma, residiu nesta comunidade desde 1920, era uma senhora distinta, segundo relatos uma criatura bondosa que gostava de fazer caridade, ajudava a todos que a procurava. A senhora

⁵ Depoimento colhido pelo Sr. João Batista em 10/07/2013.

Francisca Severo⁶, conhecido por D. Chaguinha, filha adotiva de D. Preta, nos deu o seguinte depoimento:

“A minha Preta me criou, eu ainda era pequena, perdi minha mãe verdadeira, ela morreu de parto e a mãe Preta tomou conta de mim. Ela era muito boa, sabe? Ela fazia caridade a todo mundo que precisasse dela, e dia e de noite, toda hora podiam bater na porta dela, que ela abria. Ela morreu de velhice e nunca teve nenhuma doença perigosa, hoje quem é novo não sabe nada dela, também não pode, né? Não eram nem nascidos, mas, era bom que o povo soubesse, ela era muito boa, pode perguntar as pessoas mais velhas daqui, todos eles sabem disso”.

Segundo ainda D. Chaguinha, em 1940 aconteceu uma doença chamada Bexigas, que eram bolhas que se transformavam em feridas, muitas pessoas chegavam a perder quase toda a pele e eram enrolados em palhas de bananeiras, pois D. Preta cuidava dessas pessoas como se fossem seus filhos.

A senhora Preta apesar de ter sido muito importante na construção da história do Barro Alto, hoje em dia infelizmente são poucos que conhecem a sua história, quase todos os moradores dessa localidade não sabe nem se essa senhora existiu e aos poucos ela foi esquecida pela população. Alguns de seus familiares e outras pessoas que conviveram com ela, sabem falar da vida dela, mas, isso só acontece somente quando alguém se interessa pelo assunto.

O fato de D. Preta ter adotado crianças para seu convívio evidencia um caráter comum na comunidade a adoção de filhos alheios para o seu seio familiar, em virtude das poucas condições dos genitores, vizinhos, amigos e parentes tinham a prática constante de adoção, numa formação comunitária de difícil distinção entre laços familiares, onde os pedidos de bênçãos tradicionais dos filhos aos seus familiares estendiam-se por várias residências.

Outro acontecimento que foi fruto da iniciativa de um dos atores locais da Vila Barro Alto foi a construção da capela São Sebastião, idéia do Sr. Antonio Ferreira Clares, conhecido por Antonio Clares, filho natural de Santo André, Cariús. Ele nasceu em 23 de Julho de 1885 e faleceu em 23 de março de 1949, com 54 anos de idade, vítima de uma doença atualmente conhecida por Cólera. (Folheto do Novenário, 2007, p. 22)

Segundo os relatos da família Marinheiro, residente na localidade do Barro-Alto, naquela época no alto do Santo André estava sendo vítimas de uma perigosa doença, na época não identificada mais hoje é conhecido como a Cólera, o Sr. Antonio Clares por vivenciar muitas mortes causadas por essa doença fez uma promessa com 22 anos de idade, de construir três capelas de São Sebastião se a sua comunidade ficasse livre de tal peste. O Sr. José Sobral, conhecido por Zé Sobral⁷, nos deu o seguinte depoimento:

“O Sr. Antonio Clares, era um homem distinto, honesto e caridoso, sempre falava com todo mundo. Aqui todo mundo gostava dele, todo final de tarde nós se reunia, conversava muito e ele contava a sua vida como era, nós ficava até tarde conversando”.

O Sr. Antonio Clares começou sua peregrinação no início do ano de 1940 foi quando chegou ao Barro-Alto, andava pedindo donativos e ficou bastante conhecido pela sua promessa na localidade, sempre que vinha era bem recebido pelas pessoas da comunidade, às vezes ficava hospedado na casa do Sr. Antonio Alves Pereira.

No ano de 1944, ele conseguiu realizar suas promessas, começou a construir suas capelas, a primeira na

⁶ Depoimento colhido pela Sr^a Francisca Severo em 15/07/2011.

⁷ Depoimento colhido pelo Sr. José Sobral em 10/03/2013.

sua própria comunidade, em Santo André, a segunda no Barro-Alto a terceira no Sítio Maurícia em Cariús. Sempre nas novenas de Padroeiros ele era convidado a participar das festas.

Durante todo esse tempo da existência da capela, muitas pessoas já fizeram parte da coordenação da mesma, entre essas pessoas pode se destacar uma senhora chamada Maria Jocelina Sampaio de Oliveira, conhecida por D. Neci, foi ela que mais se destacou nos trabalhos da igreja, esteve dedicada 25 anos de sua vida é só não continuou por motivos de saúde, hoje reside em Juazeiro do Norte.

Foram os próprios moradores que construíram os muros, uma vez que na referida localidade dois senhores que eram pedreiros e se disponibilizaram a contribuir com a construção, foram muito importantes também na realização da obra do cemitério do Barro Alto. Até mesmo outras pessoas de várias regiões vieram contribuir com essa obra. Dizem que até alguns fazendeiros, chamados de coronéis deram suas contribuições⁸.

No passado, na noite de Finados (02 de Novembro), todos os familiares e amigos dos falecidos aqui sepultados vinham em peso fazer visitas durante o dia e principalmente à noite, Barro Alto respirava sufocadamente, repleto de pessoas que pareciam mais com uma festa de tantos movimentos diversificados, montavam-se parques de diversões e até bancas de roupas, bijuterias, brinquedos e jogos (Segundo relato do Sr. José Batista Miçangueiro, que atuava vendendo bijuteria naquela época e hoje reside em Juazeiro do Norte, tem familiares residentes na Vila Barro Alto).

Hoje, a realidade é outra, aquela famosa noite de Finados ficou no passado e se enterrou junto com os sepultados no cemitério, pois, todas aquelas pessoas que têm parentes enterrados no cemitério do Barro Alto, que residem aqui ou em outras localidades, não tem mais apreço, sentimentalmente falando. Estão esquecendo os próprios costumes, não se preocupando em visitar os parentes falecidos em uma única data no decorrer do ano, que é o dia 02 de novembro, sendo o dia dedicado aos que já faleceram.

Atualmente, a situação do cemitério está bastante delicada, pois com o passar do tempo, o espaço foi se tornando insuficiente para supri a necessidade da comunidade local, já que o cemitério serviu e continua servindo a outras regiões.

O Sr. Francisco Gomes Diniz⁹, 80 anos de idade nos faz um relato sobre o processo da construção da capela da Vila Barro Alto:

“Foi através de um senhor, que teve a missão de pedir ajuda para construção de igrejas e com a ajuda da comunidade, o Sr. Antonio Clares, veio trabalhando pelo bem comum, para que as igrejas fossem onstruídas. Aí, foi fundada a pedra fundamental da Igreja do Barro Alto, em agosto de 1946, daí, foi iniciada a obra que teve duração de um ano; a primeira missa celebrada se deu um ano depois, ou seja, em 1º de agosto de 1947. No ato da missa, existia a música cabaçal, que ainda hoje é lembrada por alguns da comunidade, apenas os mais idosos e era uma tradição do povo daquela época, onde hoje a tradição mudou, as celebrações se dão com músicas com diversos instrumentos musicais”.

A iniciativa do Sr. Antonio Clares, com certeza contribuiu muito para a realização da construção da capela, mas, não se pode esquecer que um povo reunido faz a diferença para enfrentar qualquer obstáculo, assim foi a construção da capela.

⁸ Depoimento colhido pelo Sr. José Sobral em 10/03/2013.

⁹ Depoimento concedido pelo Sr Francisco Gomes Dinis em 20/08/2013.

As missas de hoje são bastante diferentes daquela época, não é que as tradições mudam, e sim se modificam, o novo é bonito e o feio é o que passou. Tanto as missas como as celebrações sofreram modificações, a música cabaçal deixou de tocar, os jovens de hoje preferem algo bastante animado onde eles participem, não querem mais só ouvir, querem ser atuantes.

O relato da Sra. Laureana Feitoza de Lima¹⁰, conhecida por D. Loura, a mesma falou sobre os acontecimentos daquela época, em que ela era muito pequena, tinha aproximadamente sete anos de idade, do pouco que ela lembrou nos disse:

“Eu me lembro que muita gente juntava tijolos de toda parte na localidade do Barro Alto, como também de outros lugares vizinhos, o Cardoso, o Quixoá, a Maurícia, o Alto da Areia, Cana Brava e até mesmo de algumas pessoas da cidade de Iguatu. Tudo era trazido de jumento ou burro de carga. A areia eles pegavam no rio (Rio Jaguaribe), em latas na cabeça ou em animais. Outros materiais eram pedidos como cal, o barro era tirado de perto da construção (...). Só sei que a capela ficou pronta, bonita de se vê, o povo passava horas e horas olhando pra ela”.

Todo esse trabalho foi realizado em parceria com outras localidades. Foram ações comunitárias em que, na época, a população era pequena, mas que aos poucos, várias pessoas se engajavam com muito gosto e dedicação, para conseguirem os seus objetivos. Eram pessoas humildes que procuravam ajudar sem nada em troca.

Então, por sempre contar com a gentileza do povo do Barro Alto, resolveu-se construir uma das três aqui no Barro Alto. O terreno para a construção da capela do Barro-Alto foi doado pelos irmãos José Lins Vanderlei e Manoel Lins Vanderlei, segundo relatos da própria família. Os mesmos doaram quatro tarefas de terra e assim começou a construir a capela. Muitas pessoas ajudaram com doações e colaborando com a mão de obra (Segundo relato do Sr. José Sobral, em 10/03/2010).

A construção foi concluída em 1947 e juntamente com o Sr. Antonio Clares e toda a comunidade decidiu que o padroeiro seria São Sebastião, que é o Santo protetor da peste e da guerra, já que na época existia muita peste e fome. Os moradores mais idosos da Vila Barro Alto se lembram dos primeiros anos do novenário em louvor a São Sebastião. No começo havia poucas casas, mas a festa era animada, vinha gente de toda parte. Muitos participavam das celebrações e não cabiam dentro da capela, sendo que as pessoas ficavam sentadas nas calçadas das casas, que ficam no entorno da igreja. (Segundo relato do senhor José Alves de Macêdo, conhecido por Zé da Barra, em 20/02/2011).

Atualmente, a capela mantém o mesmo estilo Barroco da sua construção, principalmente na frente e em suas laterais, sofreu algumas pequenas mudanças, como a retirada de duas torres pequenas entre o sino. Em seu interior, houve ampliações e restaurações que precisaram ser feitas ao longo do tempo. Tendo a frente na organização, grandes mulheres como propulsoras da disseminação dos momentos festivos e de arrecadação financeira, como bem o faz o Grupo de Senhoras Seguidoras de Maria, que fundado no ano de 1999, integrado por mulheres casadas que assumem a função de servir à comunidade no fomento à fé e a solidariedade. Elas realizam encontros semanais para discutirem a demanda e dificuldade de moradores, e visitam-nos com princípios de solidariedade.

Quem dirige atualmente a Igreja São Sebastião, são algumas pessoas da comunidade, como o grupo de Mulheres Seguidoras de Maria, grupo da catequese, do Dízimo e pessoas jovens que tem como líder Cristiana Antunes. Durante todos esses anos a capela foi sempre bem conservada, nítida aos olhos de quem conhece a sua estrutura física, toda a renda é bem aplicada.

A formação do grupo escolar ocorreu em 1943, pela Senhora Expedita Pereira que levou a cabo a

¹⁰ Depoimento concedido pelo Sr Francisco Gomes Dinis em 20/08/2013.

educação da comunidade, em 1989, o grupo escolar como era chamado, passou a ser o mais modernizado do município de Iguatu, com ensino fundamental completo.

A comunidade criou ainda em 1986, a Associação de Moradores da Vila Barro Alto – AMBA que angariou bens importantes para o desenvolvimento da mesma, como a aquisição de dois tratores, moageiras para arroz, prédios comerciais comunitários e a construção de uma panificadora comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse contexto, a gestão social pode ser considerada como um intermediário através do qual os atores pertencentes à comunidade atuam com espírito empreendedor em busca da promoção de mudanças sociais. Faz-se necessário então, reforçar os laços comunitários e trabalhar em prol da recuperação da identidade cultural e dos valores coletivos da sociedade em questão.

A pertinência que os habitantes da comunidade estudada têm com o seu lugar aflora em suas falas e exposições de sentimentos, ao se emocionarem em seus relatos e nas pausas longas em seus discursos, como se voltassem àqueles lugares e eventos descritos.

Mesmo com uma marcante transformação no panorama das zonas rurais no país, com o decréscimo da população e emigração constante para as cidades, a Vila Barro Alto vem resistindo a esses processos de esvaziamento de seu território. Na engrenagem de uma comunidade onde permanece o coletivo, onde os doentes são visitados por grande parte da população, nas necessidades financeiras, o associativismo coopera para saná-las. Nas calçadas das residências, as conversas coletivas e reuniões familiares aliam-se ao coaxar dos sapos, numa expressão de vitalidade que o tempo parece não ter levado embora de vez.

As quadrilhas, quermesses, brincadeiras de amigos-secretos em noites festivas, ceias coletivas de natal, passeios e excursões turísticas temporais, festa de padroeiro da comunidade, feira de ciências da escola, festivais de violeiros, corrida de cavalos, desfiles de rainhas e princesas, a espreita da sangria da lagoa são tradições que fazem da comunidade do Barro Alto merecer esse epíteto, pelo seu “alto” poder de conservação dos costumes e tradições, pelo seu “alto” potencial de gestão social e de recursos, pelo seu “alto” sentido que se formou nas pessoas que fazem parte da coletividade e do lugar, elevando o sentimento que todos deveriam portar para a convivência com o outro e com o semiárido, a “incomodação”, na construção de um espaço próprio e viável.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, R. B. **Iguatu – História**. Fortaleza: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE. **IBGE Cidades (2010)**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=230730/>>. Acesso em: 07 ago. 2013

CAZELLA, A; BONNAL, P.; MALUF, R. Olhares Disciplinares sobre Território e Desenvolvimento Territorial. In: CAZELLA, A. BONNAL, P; MALUF, R. **Agricultura familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. P. 25-45.

ECHEVERRI, R. Emergência e Evolução do Programa de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais e nos Territórios da cidadania. In: FAVARETO, A. **Políticas de Desenvolvimento Territorial no Brasil: Avanços e Desafios**. Brasília. IICA, 2010. P.81-103. V.12 (Série Desenvolvimento Rural

Sustentável).

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

PERICO, R. E. **Identidade e território no Brasil**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação pela Agricultura, 2009.

TENÓRIO, F. G. Gestão Social: Uma perspectiva conceitual. **Biblioteca Digital**, Rio de Janeiro: FGV, Set./Out., 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/viewFile/7754/6346>>. Acesso em: 5 set. 2013.